



# BOLETIM

# GEOCORRENTE

10 de dezembro de 2020

ISSN 2446-7014

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

ANO 6 • N° 130

## O ENCERRAMENTO DAS ATIVIDADES DA MARINHA DO BRASIL NA UNIFIL

ESTE E OUTROS 13 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO



O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

#### DIRETOR DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE PAULO CÉSAR BITTENCOURT FERREIRA

#### SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

#### CONSELHO EDITORIAL

##### EDITOR RESPONSÁVEL

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO F. DE MATTOS (EGN)

##### EDITOR CIENTÍFICO

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

##### EDITORES ADJUNTOS

CAPITÃO-TENENTE BRUNO DE SEIXAS CARVALHO (EGN)  
JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)  
NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)  
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)

##### DESIGN GRÁFICO

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

##### DIAGRAMAÇÃO

PEDRO DA SILVA DE ALBIT DE PENEDO (UFRJ)

### PESQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

#### ÁFRICA SUBSAARIANA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)  
BRUNO GONÇALVES (UFRJ)  
FRANCO NAPOLEÃO A. DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-Rio)  
ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)  
JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)  
VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UERJ)

#### AMÉRICA DO SUL

CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)  
GABRIELA DE ASSUMPTÃO NOGUEIRA (UFRJ)  
MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)  
PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIV. DE SANTIAGO)

#### AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)  
JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)  
RAFAEL ESTEVES GOMES (UFRJ)  
VICTOR CABRAL RIBEIRO (PUC-Rio)  
VICTOR EDUARDO KALIL GASPARG FILHO (EGN)

#### NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

#### CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GECORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

#### ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)  
GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)  
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)  
RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

#### EUROPA

MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)  
NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)  
THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)  
VICTOR MAGALHÃES LONGO DE CARVALHO MOTTA (UFRJ)

#### LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)  
LUÍS FILIPE DE SOUZA PORTO (UFRJ)  
MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)  
PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)  
RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)  
VINICIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

#### ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ADEL BAKKOUR (UFRJ)  
ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)  
ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)  
ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)  
DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)  
PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)

#### RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)  
LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)  
PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)  
PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

#### SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

IASMIN GABRIELE NASCIMENTO DOS SANTOS (UFRJ)  
MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)  
THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)  
VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

#### SUL DA ÁSIA

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)  
MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)  
REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

#### TEMAS ESPECIAIS

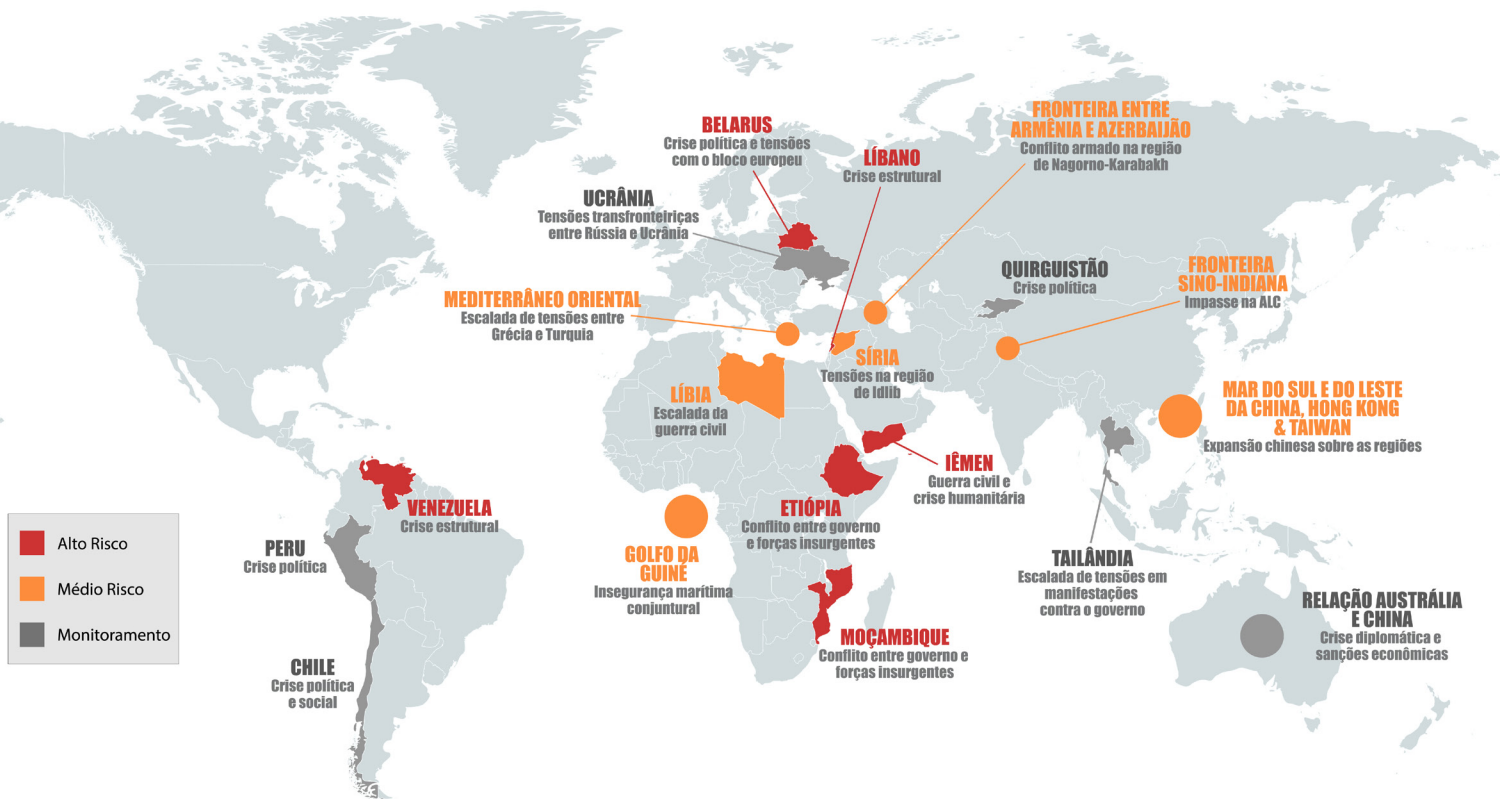
ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)

# ÍNDICE

<b>AMÉRICA DO SUL</b>		<b>SUDESTE ASIÁTICO &amp; OCEANIA</b>	
Chile e o mar: postura global e expectativa regional.....	5	Ausência dos EUA no Sudeste da Ásia será desafio para a gestão Biden.....	12
<b>AMÉRICA DO NORTE &amp; CENTRAL</b>		<b>SUL DA ÁSIA</b>	
Acordo marítimo e a histórica relação entre Cuba e Turquia.....	6	Os testes de mísseis BrahMos e a importância da Baía de Bengala.....	13
<b>ÁFRICA SUBSAARIANA</b>		<b>ÁRTICO &amp; ANTÁRTICA</b>	
O recrudescimento extremista na África Ocidental e a resposta dos atores externos.....	6	Gigantes de aço na Antártica: a corrida dos navios quebra-gelos em direção ao continente austral.....	14
A geopolítica da infraestrutura e comunicações no Oeste africano.....	7	<b>TEMAS ESPECIAIS</b>	
<b>EUROPA</b>		O poder marítimo do futuro: embarcações não-tripuladas e a logística e estratégia marítimas.....	
Territórios ultramarinos britânicos e a proteção dos oceanos.....	8	15	
Perspectivas da Defesa alemã frente ao próximo governo estadunidense.....	9	Artigos Selecionados & Notícias de Defesa.....	
<b>ORIENTE MÉDIO &amp; NORTE DA ÁFRICA</b>		16	
As constantes tensões no Golfo Pérsico.....	9	Calendário Geocorrente.....	
O encerramento das atividades da Marinha do Brasil na UNIFIL.....	10	16	
<b>LESTE ASIÁTICO</b>		Referências.....	
Os impactos geopolíticos dos novos submarinos taiwaneses.....	11	17	
O dilema dos submarinos nucleares da Coreia do Sul.....	12	Mapa de Riscos.....	
		18	

## PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

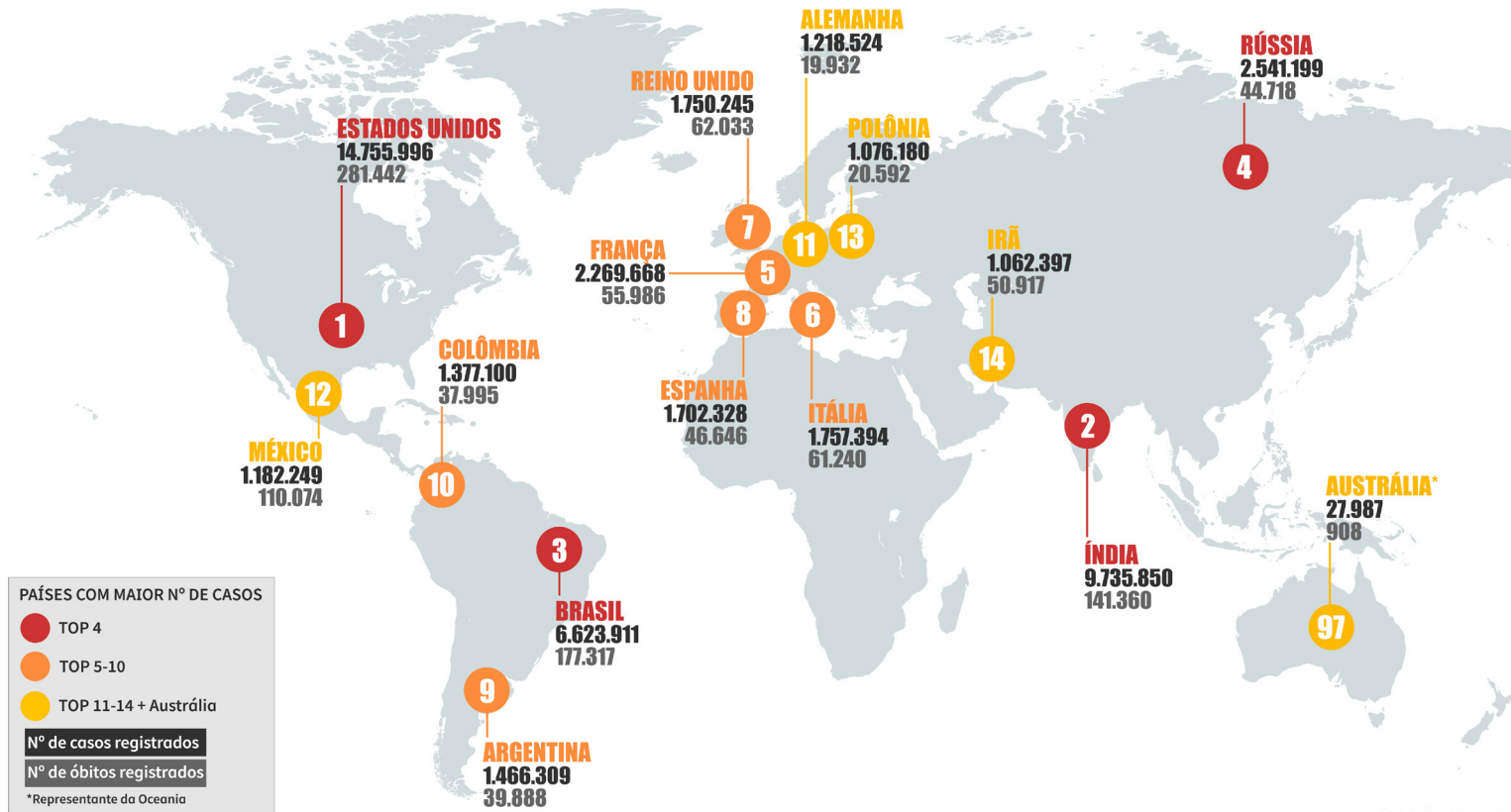


Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 18.

# ACOMPANHAMENTO COVID-19

## PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "WHO COVID-19 Dashboard", publicado no dia 09 de dezembro de 2020.



## ACOMPANHAMENTO DAS VACINAS

COVID-19 VACINAS				
Principais vacinas sendo produzidas				
Nome	Organização	País de produção	Fase de Testes	Estágio de Aplicação
AZD1222	AstraZeneca; University of Oxford		II & III	-
CoronaVac	Sinovac Biotech; Butantan Institute; Bio Farma		III	Em uso limitado na China
-	Wuhan Institute of B. P.; Sinopharm		III	Em uso limitado nos EAU
BBIBP-CoV	Beijing Institute; Sinopharm		III	Em uso limitado nos EAU
mRNA-1273	Moderna		III	-
Sputnik V	Gamaleya Research Institute		III	Imunização em massa na Rússia
Ad5-nCov	CanSino Biologics		III	Em uso limitado na China
Ad26.COVS.2	Beth Israel; Johnson & Johnson		III	-
NVX-CoV2373	Novavax		III	-
BNT162b2	BioNTech; Pfizer; Fosun Pharma		II & III	Imunização em massa no Reino Unido
Covaxin	Indian Council of M. R.; National Inst. V.; Bharat B.		III	-

Fontes: Organização Mundial da Saúde; The New York Times

Chile e o mar: postura global e expectativa regional

Carlos Silva Júnior

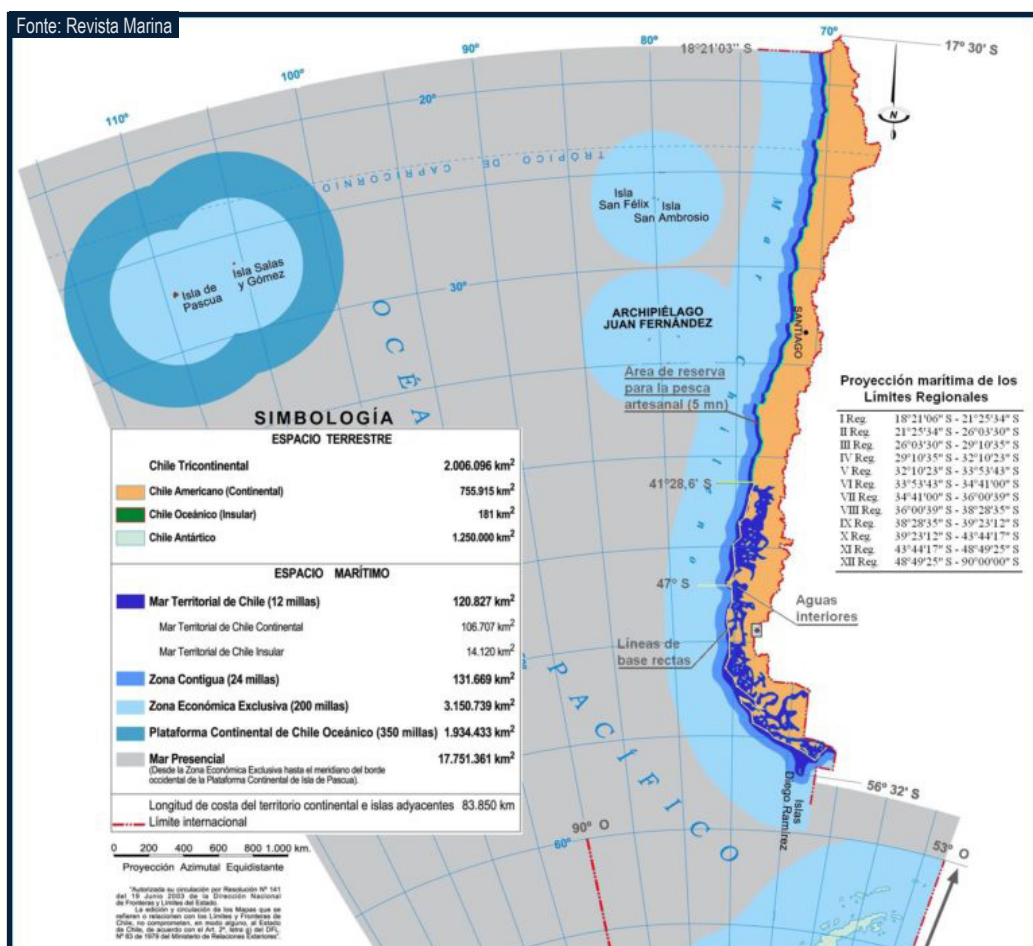
A Marinha chilena ainda observa com atenção a movimentação de pesqueiros estrangeiros próximos às suas águas nacionais. Empregando a aeronave *CASA P-295* e a patrulha oceânica *Cabo Odger* para vigilância desses pesqueiros, a Marinha reconheceu 74 barcos dentro da sua área de Busca e Salvamento (SAR, sigla em inglês), mas fora da Zona Econômica Exclusiva (ZEE). Além disso, conta com o apoio dos departamentos de Controle de Tráfego Marítimo e do Centro de Monitoramento e Análises, que identificaram que dois pesqueiros já fizeram a travessia para o Atlântico Sul (Boletim 128).

O Chile é um país marítimo de grandes dimensões, com uma das maiores ZEEs da América do Sul e entre as 15 maiores do mundo, e ainda conta com um posicionamento geográfico estratégico ao estar voltado para o Oceano Pacífico e Antártico. Além disso, assume uma postura de conservação oceânica pioneira na região, com pouco mais de 40% da sua ZEE delimitada como Área de Proteção Marinha.

Soma-se também seu engajamento na agenda global de proteção dos oceanos, como a adesão em julho ao *Global Ocean Alliance*, criado pelo Reino Unido em

2019 (Boletim 123), e sua participação no *Ocean Panel*. Esse último lançou em dezembro de 2020 seu Plano de Sustentabilidade Oceânica para 2025, que além de 74 ações de transformação da utilização do espaço marítimo, compromete os 14 países integrantes a usarem suas águas jurisdicionais de forma 100% sustentável até 2025. Ainda declarou o esforço conjunto com Colômbia, Equador e Peru no combate à pesca ilegal, não reportada e não regulamentada.

Observa-se que o momento da política interna chilena e da situação regional favorecem sua imagem internacional na temática. A aprovação da Assembleia Constituinte, em outubro de 2020, abre a possibilidade de criar-se uma Constituição mais atenta ao uso sustentável do meio ambiente, enquanto a situação doméstica boliviana parece ter ofuscado as reclamações, que constroem internacionalmente o Chile, à negociação do acesso soberano ao Pacífico. Embora a constituinte seja um processo desafiador, diante do vácuo de liderança e instabilidade política regional, o país andino pode ter condições de assumir o protagonismo na conservação marítima na América do Sul.



## Acordo marítimo e a histórica relação entre Cuba e Turquia

Rafael Esteves

Em 13 de novembro de 2020, foi anunciada a assinatura de um acordo marítimo entre Cuba e Turquia. Essa iniciativa dos dois países pretende estreitar as relações através de uma maior cooperação econômica na área de construção e manutenção portuária, frete marítimo, comércio, entre outras iniciativas.

As relações diplomáticas entre Cuba e Turquia foram estabelecidas em 1952. Porém, a ascensão de Fidel Castro ao poder em 1959 abalou, inicialmente, essas relações, devido ao complexo tabuleiro geopolítico do período da Guerra Fria (1947-1991). Apenas em 1979 foi inaugurada a primeira embaixada turca em Havana, sendo essa também a primeira do país na região do Caribe.

A queda da União Soviética nos anos de 1990 tornou Cuba vulnerável aos embargos estadunidenses, iniciados com a ascensão dos irmãos Castro, brevemente retirados em 2015 pelo governo do presidente Obama e aplicados novamente com o início da administração Trump. No caso turco, desde sua ascensão, o presidente Tayyip Erdogan vem buscando maior apoio e uma maior participação do país para além do cenário regional do Mediterrâneo e Oriente Médio. Um cenário marcado pelas atuações

internacionais independentes, principalmente, na Líbia, Síria e Mar Egeu, das quais tem afastado o país tanto das grandes lideranças do Ocidente como da Rússia.

A relação entre Ancara e Havana vem se estreitando na última década, o que pode ser confirmado com a visita do presidente Erdogan a Cuba, em 2015. Vale ressaltar que, de acordo com o *Turkish Statistical Institute*, as exportações para Cuba vêm crescendo, de US\$ 6,62 bilhões, em 2015, para US\$ 44,6 bilhões, em 2019. Porém, nesse mesmo contexto, as importações da Turquia vêm diminuindo, com US\$ 22,7 bilhões para US\$ 20,2 bilhões no mesmo período. Percebe-se uma maior projeção da Turquia sobre Cuba, sendo que isso pode não agradar potências como a Rússia, histórico parceiro dos cubanos e um opositor aos turcos em muitas das crises mencionadas no parágrafo anterior.

Esse acordo entre os dois países pode ser uma grande oportunidade. Para Cuba, é interessante tentar ganhar um alívio econômico frente aos embargos dos EUA e à redução do apoio venezuelano. No caso da Turquia, ganhar uma maior participação e influência internacional, principalmente em áreas estratégicas como o Caribe.

## ÁFRICA SUBSAARIANA

### O recrudescimento extremista na África Ocidental e a resposta dos atores externos

João Victor Marques Cardoso

Em 28 de novembro de 2020, ao menos 110 pessoas foram mortas pelo grupo extremista Boko Haram. O ataque ocorreu próximo à cidade de Maiduguri, na Nigéria, em possível retaliação a comunidades rizicultoras que cooperavam com forças oficiais de segurança, acusadas de espionarem para o governo. Considerado o maior ataque deste ano contra civis, o grupo extremista matou, entre janeiro e novembro de 2020, 657 civis e 592 agentes do Estado. Embora o Boko Haram esteja “tecnicamente derrotado” para o presidente Muhammadu Buhari, continua a desestabilizar a África Ocidental, cuja relevância suscita discussões sobre as forças extracontinentais na região.

O caso para os EUA é emblemático, pois ocorreram impasses ao longo de 2020 sobre a revisão da presença militar na região ([Boletim 111](#)). Sob a justificativa de reposicionar esforços na competição de poder global contra Rússia e China, o Comando para a África (US AFRICOM) teria redução do seu efetivo atual de seis

mil militares, especialmente um corte nos cerca de mil militares e no orçamento de US\$ 60 milhões da base estadunidense no Níger. Movimentos contrários a essa redução levaram o Congresso, em abril de 2020, a emitir a *U.S.-Africa Strategic Security Act*, que determina ao Secretário de Defesa o envio de relatórios com os riscos operacionais e estratégicos de uma retirada militar da África. Entre as preocupações constam o recrudescimento dos ataques terroristas, a redução da assistência a parceiros internacionais que atuam na região como a França e o potencial aumento da presença chinesa.

Tais posturas podem ter influenciado na decisão da França em aumentar para 5.100 militares a permanência no Sahel e buscar um maior apoio da Itália, que já é o segundo maior colaborador da força-tarefa antiterrorismo Takuba, no Mali ([Boletim 121](#)).

Na direção contrária aos EUA, a China anunciou, em novembro, US\$ 45,7 milhões aos esforços antiterrorismo do G5-Sahel e a ativação de uma força *stand-by* de oito »

mil militares para atuar em missões de paz.

A África mantém-se uma região importante do ponto de vista geopolítico, mas os EUA e a China parecem assumir direções opostas em termos de interesse na

região. A questão que fica é se o aumento da presença europeia será suficiente para compensar a saída dos EUA e até quando a presença chinesa será apenas em termos de ajuda econômica e de atuação em forças de paz.

## A geopolítica da infraestrutura e comunicações no Oeste africano

Bruno Gonçalves

Em 12 de novembro de 2020 houve o comissionamento e lançamento comercial do *Djoliba*, o novo projeto de cabos de internet da empresa *Orange*, multinacional francesa de telecomunicações, na África Ocidental. A nova rede, que conta com 20.000 km de cabos submarinos e terrestres, é a primeira de banda larga super-rápida e unificada da África. O sistema conectará oito países: Burkina Faso, Costa do Marfim, Gana, Guiné, Libéria, Mali, Nigéria e Senegal.

Segundo o Banco Mundial, a África Subsaariana teve 3,07% de crescimento econômico no ano de 2019, o que contribui para o aumento do mercado consumidor, tornando os países mais atrativos para o capital privado. Um exemplo é a própria *Orange*, que possui investimento médio de US\$ 1,19 bilhão por ano, distribuídos em 18 países africanos. A abrangência desta companhia na região mostra o poder da França – ex-metrópole de Estados do oeste africano – não apenas em seu *hard power*, mas no financiamento da geopolítica da infraestrutura.

Em maio de 2020, a empresa estadunidense *Facebook* anunciou o projeto *2Africa*, um dos maiores projetos de cabos submarinos do mundo, com 37.000 km de extensão. Quando concluído, em 2023, o empreendimento circundará todo o continente e fornecerá quase três vezes a capacidade total da rede de todos os cabos submarinos

que abastecem a África, atualmente. No entanto, a insegurança promovida por grupos insurgentes, as permanentes crises político-institucionais e a fragilidade de condições indispensáveis de uma economia avançada são desafios para o desenvolvimento econômico e social.

Uma boa infraestrutura de comunicações é crucial para qualquer Estado, especialmente neste século XXI, onde a interconexão global é cada vez maior. Dentro da economia, ainda mais em períodos de pandemia, a internet tem um papel na manutenção das relações comerciais e interpessoais, pela economia digital e, até mesmo, na logística de abastecimento dos países, incluindo os mediterrâneos no centro da África, como Mali, Níger e República Centro-Africana. Além disso, a rede é também utilizada como instrumento político, de um lado para organização da oposição, de outro, retaliação e ataque dos governos, como houve, recentemente, na Etiópia e Costa do Marfim.

No continente que mais cresce no mundo em termos populacionais e na economia, a instalação dessa nova rede de cabos submarinos traz uma oportuna melhoria na qualidade de vida das populações, e eleva a importância do espaço marítimo, tradicionalmente um espaço de menor prioridade para as Forças Armadas africanas.



## Territórios ultramarinos britânicos e a proteção dos oceanos

Nathália do Vale

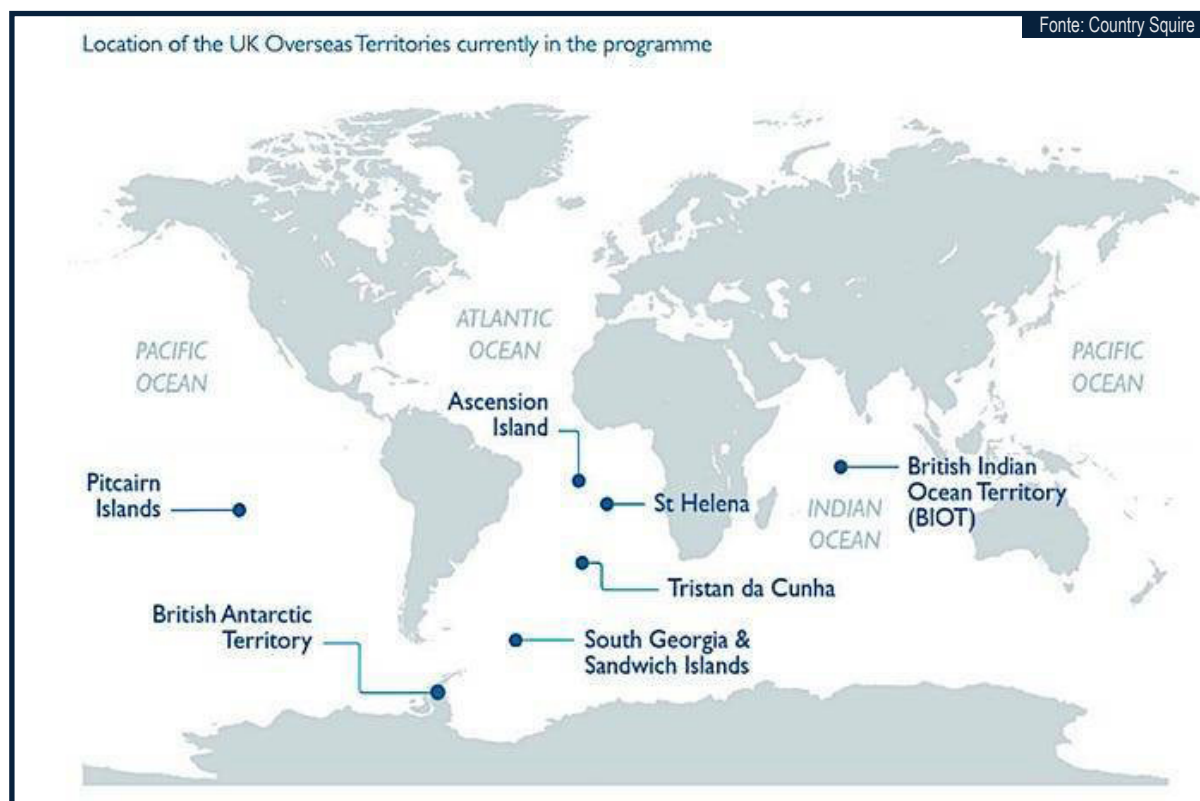
Em novembro passado, o governo de Tristão da Cunha, um arquipélago vulcânico e território ultramarino britânico ao sul do Oceano Atlântico, aprovou que 90% de todos os 700 mil km<sup>2</sup> de suas águas se torne uma área de proteção marinha (MPA, sigla em inglês), fazendo desta a quarta maior do tipo no mundo. Com isso, além de proteger as espécies de vida marinha e animal na região, também serão proibidas atividades de exploração como pesca de arrasto de fundo, mineração em alto mar e outras atividades prejudiciais ao oceano. O Reino Unido ficará responsável pelo monitoramento e aplicação de regras na região, que corresponde a quase três vezes o tamanho da Grã-Bretanha.

A medida está alinhada ao programa de proteção ambiental britânico *Blue Belt Programme*, na qual o governo compromete-se a proteger 30% do oceano do mundo até 2030, e que já recebeu investimentos de aproximadamente US\$ 26 milhões. Com a recente adição de Tristão da Cunha, o Reino Unido agora protege uma área total de 4,3 mil km<sup>2</sup>, ou 1% dos oceanos do mundo. Em comunicado oficial, o premiê britânico Boris Johnson convidou outras nações a se juntarem à meta britânica: “precisamos de uma ação coletiva global se quisermos

deixar como legado um mundo que seja tão maravilhoso quanto o que herdamos”, disse Johnson.

Outros territórios ultramarinos britânicos compreendidos no Atlântico Sul também fazem parte do programa *Blue Belt* ao terem declarado suas águas uma MPA, como a Ilha de Ascensão. Alguns outros, como o Território Britânico do Oceano Índico, embora ainda não sejam formalmente uma MPA, utilizaram fundos do programa para investir em inteligência de interceptação a barcos de pesca ilegal. Importante salientar que a área marítima desses territórios também faz parte da Zona Econômica Exclusiva do Reino Unido, dando ao país o direito soberano de exploração de recursos (nestes casos ainda não formalmente protegidos).

De fato, deve-se entender o *Blue Belt Programme* como uma questão imediatamente geopolítica. O discurso ambiental britânico não apenas incrementa sua soberania no Atlântico Sul, mas – a partir de um financiamento de peso e de uma *expertise* biológica e científica singular sobre as áreas em questão – consegue também um mecanismo legal, para impedir que outras potências consigam explorar esses recursos e tentar marcar presença na região.





## Perspectivas da Defesa alemã frente ao próximo governo estadunidense

Victor Magalhães Longo

Quando Joe Biden foi apontado como provável próximo presidente dos Estados Unidos, analistas políticos e internacionais projetaram como seu possível mandato poderia influenciar o Sistema Internacional nos anos seguintes. Do ponto de vista da Alemanha, a mudança parece ter sido bem recebida. Ao contrário de Trump, Biden indica que terá uma política mais amistosa e colaborativa com seus aliados da OTAN. Entretanto, tal transformação gera uma ambivalência: a Alemanha aproveitará a melhora nas relações com os EUA para assumir de vez sua parcela de responsabilidade militar perante a Europa, ou será mantida a cômoda relação de dependência, que levou ao despreparo absoluto de suas Forças Armadas?

Com o fim da Guerra Fria e em clima de otimismo com a reunificação, o orçamento de Defesa da Alemanha caiu, entre 1990 e 1995, de 2,6% para 1,5% do PIB, e hoje se encontra próximo de 1,3%. Em 2011, uma reforma nas Forças Armadas acabou com o serviço militar obrigatório e reduziu o número de militares ativos de 250.000 para 180.000. Nos anos seguintes, uma administração ineficiente, somada ao relativo baixo orçamento e à sensação de segurança gerada pelas tropas estadunidenses

na Alemanha, fez com que os alemães ficassem em um nível baixíssimo de prontidão e com faltas graves de equipamentos. Entre o fim de 2017 e a primeira metade de 2018, por exemplo, todos os seis submarinos alemães estavam em manutenção nos estaleiros, situação bastante preocupante para a Marinha. A partir da vitória de Trump o governo estadunidense passou a criticar duramente essas situações ([Boletim 100](#)), gerando uma relação conflituosa entre Washington e Berlim.

É do interesse dos Estados Unidos que os germânicos assumam uma condição de maior independência militar, já que isso abre espaço para deslocarem forças para tabuleiros mais urgentes, especialmente na Ásia. Para a Alemanha, abre-se uma janela de, ao menos, quatro anos em que os Estados Unidos, seu maior aliado militar, estarão mais cooperativos bilateralmente e muito interessados no fortalecimento das Forças Armadas do país. Merkel e sua ministra da Defesa afirmam estar trabalhando por esse objetivo, mas tais palavras já foram proferidas nos últimos anos, enquanto o progresso foi pequeno. Uma atitude enérgica por parte dos alemães é fundamental para reverter esse cenário.

## ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

### As constantes tensões no Golfo Pérsico

Pedro Albit

A já complexa geopolítica do Golfo Pérsico teve importantes acontecimentos com capacidade de influenciar diretamente a correlação de forças regionais no ano de 2020. De um lado, o estabelecimento de relações entre Israel, Emirados Árabes Unidos (EAU) e Bahrein serve para aumentar o isolamento do Irã. Do outro, o acordo de cooperação China-Irã, válido por 25 anos, pode tirar o Irã do estrangulamento das sanções – já expiradas – impostas pelos EUA.

Em troca de petróleo e gás iranianos com preço reduzido em 32% por 25 anos e tropas chinesas em seu território fazendo a segurança das instalações inclusas no acordo, este prevê US\$ 400 bilhões em investimentos no Irã: US\$ 280 bilhões destinados à sua indústria de petróleo e gás e US\$ 120 bilhões em obras de infraestrutura. Destaca-se que este *upgrade* de infraestrutura inclui também o 5G: as sanções impostas pelos EUA retiraram a *Ericsson* do país, abrindo caminho para que a chinesa *Huawei* seja a provedora da rede no Irã, visto que o setor de telecomunicações é uma das prioridades do acordo.

Entretanto, o apoio ao acordo bilateral não é unanimidade entre analistas iranianos. Enquanto

para uns ele pode ser a ferramenta a salvar o país do estrangulamento externo, para outros ele o torna uma espécie de “colônia” chinesa. A ocupação de partes do território por tropas chinesas e a cessão de ilhas no Golfo Pérsico para a China poderia configurar, segundo estes analistas, uma submissão à Pequim análoga ao Tratado de Turkmanchai (1828), que cedeu territórios que hoje compreendem parte de Armênia e Azerbaijão à Rússia. Desta forma, ao livrar o Irã do “imperialismo” ocidental, na verdade este estaria submetendo-o ao novo “imperialismo” chinês.

A política isolacionista de Trump, ao retirar os EUA de acordos multilaterais, abriu espaço para o avanço chinês em diversos pontos do globo, e o Oriente Médio é um deles. Mesmo com o estabelecimento de relações de Israel com EAU e Bahrein, há uma falta de coesão entre os países árabes que compõem o Conselho de Cooperação do Golfo e relutância de Israel em aceitar a venda dos caças *F-35* dos EUA para os EAU. Assim, não há a coordenação necessária para impedir que o avanço chinês coopere também para o fortalecimento regional do Irã.

## O encerramento das atividades da Marinha do Brasil na UNIFIL

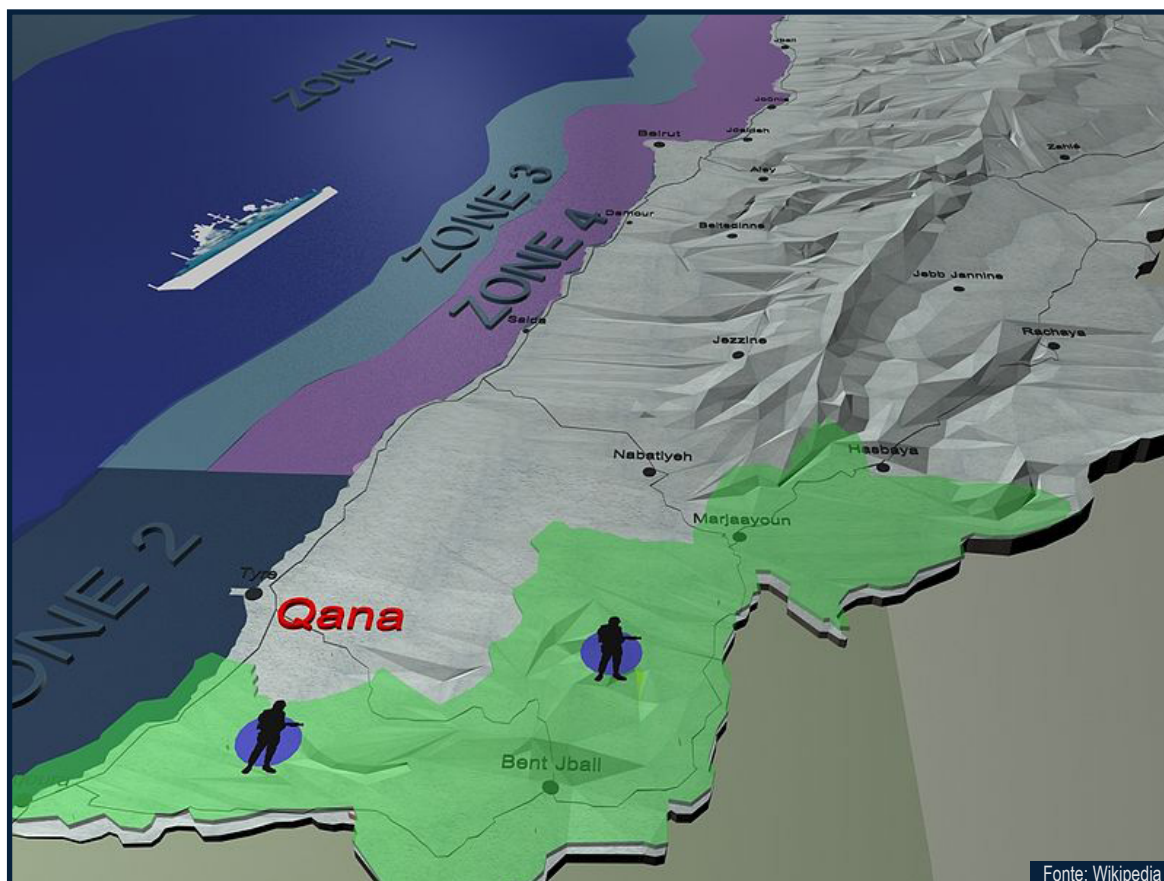
Ana Luiza Colares

Em 02 de dezembro de 2020, a Marinha do Brasil finalizou suas atividades na Força Interina das Nações Unidas no Líbano (UNIFIL, sigla em inglês). O país comandava a Força-Tarefa Marítima (FTM) da UNIFIL desde novembro de 2011, sendo a fragata União (F-45) o primeiro navio de guerra brasileiro incorporado a uma missão de paz das Nações Unidas. A FTM era composta por embarcações de seis nações — Alemanha, Bangladesh, Grécia, Indonésia, Turquia e Brasil —, sendo o comando brasileiro representado nos últimos nove meses pela fragata Independência, com a aeronave *WildLynx* a bordo e a atuação de aproximadamente 200 militares brasileiros. O Contra-Almirante alemão Axel Schulz comandará a Força a partir de janeiro de 2021, quando o atual comandante brasileiro, o Contra-Almirante Sérgio Renato Berna Salgueirinho, deixará o cargo que ocupava desde março do corrente ano.

A UNIFIL foi criada em 1978 para garantir a saída das tropas israelenses dos territórios libaneses, após a guerra entre os países fronteiriços. Já a FTM-UNIFIL, único componente naval de uma Missão de Paz da ONU, foi criada em 2006 visando proteger as águas territoriais libanesas por meio de Operações de Interdição Marítima e capacitar a Marinha libanesa. A área de atuação das

embarcações que formam a FTM é de 17 mil km<sup>2</sup>, 16 vezes maior do que o escopo terrestre da UNIFIL. Desde a sua criação, a FTM interceptou cerca de 106.000 navios, indicando 15.000 destes à inspeção pelas autoridades libanesas, além de operar junto às forças terrestres perante desastres, atuando, inclusive, após as explosões que atingiram o porto de Beirute em setembro deste ano.

O encerramento da participação brasileira na Missão deu-se de forma estratégica e diplomática. Apesar dos fortes laços existentes entre o Brasil e o Líbano, o Mediterrâneo Oriental, embora relevante e disputado internacionalmente, não se encontra no entorno estratégico brasileiro. Todos esses anos foram importantes para o desenvolvimento profissional daqueles que compuseram a Missão, aperfeiçoando os militares no exercício de atividades relacionadas ao controle de área marítima, à vigilância aérea e nas operações de interdição marítima e abordagens, dentre outras, o que contribuirá para as futuras ações nas águas jurisdicionais brasileiras e em seu entorno estratégico. Dessa forma, a participação na UNIFIL contribuiu não apenas para um aumento do capital político brasileiro no Oriente Médio e maior participação nos mecanismos internacionais, mas alavancou de forma estrutural a Marinha do Brasil.



## Os impactos geopolíticos dos novos submarinos taiwaneses

Rodrigo Abreu

No dia 24 de novembro de 2020, Taiwan iniciou a construção do seu primeiro submarino desenvolvido domesticamente. O novo programa, denominado *Indigenous Defense Submarine (IDS)*, vai contar com a construção de oito submarinos convencionais, que serão construídos no recém estabelecido estaleiro de Kaohsiung. De acordo com as previsões iniciais do governo de Taiwan, espera-se que o primeiro submarino esteja construído até 2024 e seja comissionado em 2025. Atualmente, a Força de Submarinos de Taiwan encontra-se bastante defasada, com meios que datam da Segunda Guerra Mundial, sendo os mais recentes adquiridos na década de 1980. A adição dos 8 novos submarinos representará uma mudança substancial nas capacidades navais da ilha.

A construção dos submarinos IDS é o mais novo esforço do governo de Tsai Ing-wen para responder ao aumento do poder naval da República Popular da China na última década, contribuindo para a negação do uso do mar em eventual investida de Pequim. Desde o início de seu primeiro mandato, em 2016, Tsai tem buscado se afastar cada vez mais de Pequim, rejeitando o modelo

de reunificação “Um país, dois sistemas” proposto pela China, e, no lugar, retomado negociações de armamentos com os Estados Unidos e aumentado o orçamento de Defesa da ilha.

As ações de Taiwan têm gerado desconforto em Pequim, que vem cada vez mais recorrendo a um discurso assertivo, ressaltando que não abrirá mão do uso da força para reintegrar Taiwan ao território chinês, se necessário. Durante o mês de novembro deste ano, aeronaves da Força Aérea da República Popular da China realizaram operações de sobrevoo no espaço aéreo de Taiwan em 26 ocasiões.

O Estreito de Taiwan é um local estratégico para o emprego de submarinos, pois permite que exerçam grande poder de dissuasão sobre operações de ataque, anfíbias ou de bloqueio. Entretanto, do ponto de vista logístico, a falta de experiência dos engenheiros taiwaneses com a manutenção de submarinos faz alguns analistas questionarem se Taiwan conseguirá manter uma parte considerável dos seus submarinos operando simultaneamente, de maneira a exercer tal poder de dissuasão.



## O dilema dos submarinos nucleares da Coreia do Sul

Marcelle Torres

O KSS é um programa de três fases que visa a construção de 27 submarinos de ataque para o arsenal da Marinha da Coreia do Sul até 2029, equipados com alta tecnologia sul-coreana. Na primeira fase, KSS-I, a Marinha adquiriu nove submarinos da classe *Changbogo* de 1.200 t. Na segunda, KSS-II, adquiriu nove submarinos de 1.800 t com propulsão independente do ar, assegurando a capacidade do país em projetar e construir submarinos de forma independente e com tecnologias nacionais. Já a terceira fase, KSS-III, será subdividida em fabricação de três submarinos de 3.000 t no primeiro lote, três de 3.600 t no segundo e três de 4.000 t no terceiro lote.

Recentemente, a Marinha sul-coreana lançou o “Ahnmu”, segundo submarino de 3.000 t, do primeiro lote do *Changbogo-III* (KSS-III), movido a diesel, com velocidade de 37 km/h embaixo d’água, seis lançadores verticais para mísseis balísticos convencionais lançados por submarinos (SLBMs) e deverá ser entregue ao setor operativo em janeiro de 2024. Analistas observam a primeira fase do KSS-III como um esboço para a construção de submarinos de propulsão nuclear de 4.000 t, que contam com o apoio do presidente sul-coreano Moon Jae-in. Tal desenvolvimento seguiria a forma do submarino de ataque nuclear francês da classe *Barracuda*.

Entretanto, é necessário que o acordo de cooperação nuclear pacífica US-ROK seja revisto, o qual proíbe o uso de urânio enriquecido para fins militares pelos sul-coreanos.

A Marinha sul-coreana sinaliza a essencialidade de possuir um submarino nuclear para compensar a relativa assimetria militar, especialmente no ambiente submarino, em relação à Coreia do Norte. Todavia, as críticas se concentram em se os submarinos nucleares seriam realmente adequados para a restrita área de operações no entorno da península, bem como nos custos políticos e financeiros. A melhor opção, segundo esses críticos, seria a de incrementar sua capacidade de guerra antissubmarino e investir em novas tecnologias, como drones e inteligência artificial.

É muito difícil prever se o novo governo dos EUA irá concordar com uma mudança no acordo de cooperação com a Coreia do Sul, que permita ao país ter um submarino de propulsão nuclear. Além do aumento — sempre indesejado pelas grandes potências — do “clube” de países que possuem tecnologia nuclear aplicada a meios militares, deve ser considerada a provável oposição japonesa, também aliado dos EUA, mas com antigos antagonismos em relação à Coreia do Sul.

## SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

### Ausência dos EUA no Sudeste da Ásia será desafio para a gestão Biden

Matheus Bruno Pereira

Em novembro de 2020, ocorreu a *ASEAN Summit*, de maneira virtual, onde os chefes de Estado abordaram diversos assuntos relacionados aos interesses regionais. Além disso, reuniões paralelas com outros Estados asiáticos também ocorreram. Ao final, no dia 15 de novembro, foi assinada pelos países do bloco a participação no *Regional Comprehensive Economic Partnership* (RCEP), liderado pela China. O evento marca mais um movimento de Pequim em expandir e solidificar sua influência na Ásia, aproveitando a deficiente política externa de Washington para a região nos últimos anos.

Os Estados Unidos, pelo terceiro ano seguido, não teve seu chefe de Estado comparecendo ao encontro de suas contrapartes do Sudeste da Ásia, sendo substituído dessa vez pelo Secretário Nacional de Segurança, Robert O’Brien. Segundo o Secretário, o momento atual é crucial para a parceria EUA-ASEAN no combate ao coronavírus, não delimitando especificamente possibilidades. Enquanto isso, em reunião dos países da ASEAN com o primeiro ministro da China, Li Keqiang, além do próprio

fechamento do acordo do RCEP, também esteve em pauta a negociação do fornecimento de lotes de vacinas para os países do Sudeste da Ásia.

Na reunião com o bloco, Li Keqiang destacou o comércio China-ASEAN, que alcançou US\$ 481 bilhões, e endossou a importância da organização para as atividades econômicas do país. O RCEP não agrada apenas à China, mas também a própria ASEAN, que poderá não só expandir os mercados, mas também garantir uma oportunidade de retomada plena após o impacto da COVID-19 na economia.

Ao longo de 2020, as principais ações regionais dos EUA estiveram relacionadas ao Mar do Sul da China e parcerias militares. O envio de navios de guerra para exercícios de livre navegação e a negociação de permanência ou criação de bases navais estadunidenses foi algo contínuo. Porém, não houve nenhuma forma significativa de aproximação no âmbito diplomático e econômico, ao contrário da China.

A administração Biden terá por desafio em 2021 o >>>

desenvolvimento de um plano para a Ásia, levando em consideração o espaço ganhado pela China, mas também o fato de a ausência dos EUA ter, em certa maneira, possibilitado um amadurecimento da ASEAN, que se

vê capaz de lidar com problemas de uma maneira mais autônoma e assertiva, ainda que buscando respaldo de outros países em alguns momentos.

## SUL DA ÁSIA

### Os testes de mísseis BrahMos e a importância da Baía de Bengala

Rebeca Leite

A Índia tem conduzido uma série de testes de mísseis, principalmente o de cruzeiro supersônico *BrahMos*. Os lançamentos têm sido realizados pelas três forças militares e, no último dia 1º, a Marinha Indiana conduziu o teste de sua versão naval. O armamento, que pode ser lançado de submarinos, navios, aeronaves ou de plataformas terrestres, é fabricado pela *BrahMos Aerospace*, uma *joint venture* indo-russa.

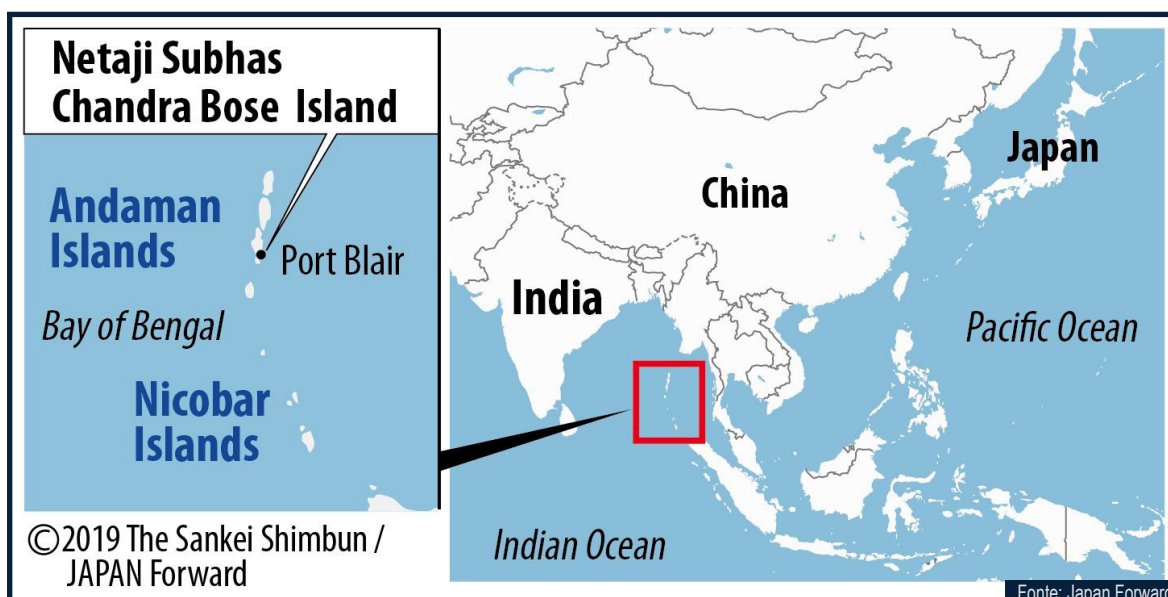
Além das especificidades técnicas, é importante tecer algumas considerações acerca da Baía de Bengala, onde foram realizados os testes do *BrahMos*. O conceito estratégico do Indo-Pacífico trata do escopo geográfico que aborda a extensão de água da Costa Leste africana até o Pacífico Ocidental. À medida que este conceito ganha força, a Baía de Bengala se insere no centro deste vasto espaço e ascende como um potencial campo de instabilidade geopolítica, sobretudo entre as potências regionais, Índia e China.

Este espaço importante para a conectividade da China Ocidental, Índia Oriental, Mianmar e demais arquipélagos próximos, surge como uma região relevante para Nova Délhi. O lançamento do *BrahMos* sinaliza à China a capacidade indiana de atingir o território inimigo de maneira rápida e contundente. Há, ainda, a questão geoeconômica, pois a integração da Baía produziria

diversos acordos de transporte marítimo. É de interesse indiano fornecer acesso à Baía para seus estados sem litoral, logo, a localização geográfica da Baía de Bengala significa uma oportunidade para o comércio.

A Índia está priorizando sua costa e, portanto, alinhando suas políticas econômicas e de segurança, solidificando objetivos estratégicos já declarados acerca do Oceano Índico e do Indo-Pacífico. O intuito é garantir a livre navegação e a segurança das linhas de comunicação marítima, tão importantes para seu desenvolvimento socioeconômico, bem como para seu projeto de potência global. Nesse ínterim, a Índia está atuando nas ilhas do Índico, a fim de manter um cordão estratégico ao longo de seu litoral. A exemplo disto, o governo instaurou o primeiro Comando Conjunto do país no sudeste da Baía, o Comando de Andamão e Nicobar. O objetivo é não menos que conter a presença chinesa nas proximidades da costa.

Assim, num contexto em que o impasse sino-indiano nos Himalaias continua desgastado e que a China cada vez mais se expande no ambiente marítimo, há uma tendência geopolítica bastante sólida: será uma região cada vez mais contestada. A Índia, por sua vez, investe no seu arsenal militar para aumentar seu poder de dissuasão e fazer frente ao poderio chinês.



Gigantes de aço na Antártica: a corrida dos navios quebra-gelos em direção ao continente austral

Gabriele Hernandez

A Armada chilena divulgou, no último novembro, mais detalhes de sua nova embarcação quebra-gelo, o navio polar *Antártica 1*, cuja conclusão, pelo estaleiro Asmar, em Talcahuano, está prevista para 2023. O navio, de 111 metros de comprimento e 21 metros de largura, substituirá o quebra-gelo *Óscar Viel*, e será o primeiro desse tipo construído no país. O Chile possui um reclame territorial antártico de 1.250.000 km<sup>2</sup>, equivalente à superfície do Peru, e sua cidade de Punta Arenas é um dos cinco *hubs* antárticos do planeta. Cabe mencionar, que a área reivindicada pelos chilenos coincide parcialmente com a reivindicada por Argentina e Reino Unido, especialmente na região da Península Antártica.

O Chile, no entanto, não é o único país a modernizar sua frota e seus investimentos antárticos. Ainda em novembro, o novo quebra-gelo britânico *RRS Sir David Attenborough* foi entregue ao *British Antarctic Survey* (BAS) para dar início ao treinamento junto à tripulação, e fará sua primeira viagem em direção à Antártica em 2021. A embarcação, de 129 metros de comprimento e 24 metros de largura, faz parte dos investimentos britânicos para manter sua presença no continente. A Austrália, por sua vez, tem seu novo quebra-gelo *RSV Nuyina* em fase

de testes, com previsão para navegação antártica também em 2021. Não por coincidência, tais investimentos partem de países cujo interesse na Antártica envolve reclames territoriais.

Enquanto isso, entre as grandes potências antárticas que não possuem reclames territoriais, o quebra-gelo *Xue Long 2*, o primeiro construído na China, lançado em 2019, realizou sua primeira viagem ao continente austral em 2020. A Rússia segue insuperável na liderança mundial em termos de navios polares, inclusive possuindo alguns com propulsão nuclear. Já os EUA, após o Memorando Executivo do presidente Trump, em junho deste ano, deve, em breve, iniciar a construção de três quebra-gelos de grande porte e de três de médio porte.

O Brasil, que atualmente possui dois navios polares, prevê a construção de uma nova embarcação para substituir o Navio de Apoio Oceanográfico *Ary Rongel*, mas sem ser um navio quebra-gelo. A definição quanto ao projeto e estaleiro deverá ser anunciada em junho de 2021, tendo início, a construção, em 2022. Ainda que tenha uma importante participação na Antártica, o país está no meio de gigantes que, silenciosamente, reforçam suas posições no tabuleiro austral.



## O poder marítimo do futuro: embarcações não-tripuladas e a logística e estratégia marítimas

Bruno de Seixas Carvalho e Ana Carolina Farias

O poder marítimo do futuro é cada vez mais uma problemática do presente. Navios de guerra aceleram seu ritmo de transformação em um processo que se desdobra desde meados do século XIX. Se a passagem da vela para o vapor e a introdução das couraças consolidou as concepções táticas e estratégicas marítimas do século XX, no século XXI é a própria presença humana que poderá desempenhar esse papel. Nesse sentido, as embarcações não-tripuladas (*Unmanned Surface Vehicles* – USV) já são uma realidade, requerendo atenção especial dos tomadores de decisão. Quais as mudanças podemos esperar desse processo?

Duas tendências podem ser destacadas: uma de cunho estratégico e outra de viés logístico. Com relação à primeira, desde 2007, os EUA protagonizam tal processo por meio do documento estratégico USV *Master Plan*. Como resultado, em fases avançadas de testes, o *Sea Hunter da DARPA* é talvez o USV mais avançado do momento, sendo a primeira embarcação não-tripulada a atravessar o Pacífico. Em outubro de 2020, o documento *Battle Force 2045* previa uma concepção de força naval mais distribuída e heterogênea, incluindo proporcionalmente menos embarcações de grande porte, bem como a incorporação de até 240 USV. Para tanto, a US Navy requereu US\$ 579.9 milhões para o *FY2021*,

visando priorizar os testes do *Sea Hunter*.

Do ponto de vista logístico, para prover a permanência e mobilidade a ampla quantidade de USV pretendida, o projeto *Sea Train* da DARPA vem elaborando saídas para torná-los mais independentes do abastecimento no mar, incrementando seu alcance para até 14 mil milhas náuticas. De outro modo, pesquisadores do programa de automação da OTAN sugerem um maciço investimento em startups de tecnologia marítima visando à coleta e compartilhamento de dados do solo e superfície dos oceanos. Com essa espécie de “internet das coisas do mar”, sensores espalhados em pontos estratégicos constituiriam um “oceano digital” e, assim, informações em tempo real proveriam as condições de autonomia para os USV, bem como alerta antecipado contra atuação de piratas, pesca ilegal ou mesmo derramamento de óleo no mar.

Como se vê, resultado de um amadurecimento tecnológico viabilizado por um planejamento de longo prazo, os USV são uma realidade inescapável. Pode-se mesmo admitir que a articulação entre uma logística marítima e uma logística da informação seja uma das condições necessárias para seu emprego, não sem uma perspectiva estratégica pronta para pensar além de suas próprias fronteiras.

Fonte: DARPA



- ▶ [Digital Authoritarianism, China And Covid](#)  
LOWY INSTITUTE, Lydia Khalil
- ▶ [Born Again: Japan's Maritime Self-Defense Force Revitalization – Analysis](#)  
EURASIA REVIEW, Felix K. Chang
- ▶ [The China Challenge Can Help America Avert Decline](#)  
FOREIGN AFFAIRS, Kurt M. Campbell e Rush Doshi
- ▶ [Insurgency Threatens Mozambique's Offshore Gas Opportunity](#)  
THE MARITIME EXECUTIVE, Brian Gicheru Kinyua
- ▶ [NATO 2030: United for a New Era](#)  
NATO
- ▶ [Navigating The Pandemic: The Challenge of Stability and Prosperity in the Mediterranean](#)  
MEDITERRANEAN DIALOGUES
- ▶ [Can Joe Biden's America Be Trusted?](#)  
PROJECT SYNDICATE, Joseph S. Nye
- ▶ [Arctic Overlaps: The Surprising Story of Continental Shelf Diplomacy](#)  
WILSON CENTER E POLAR INSTITUTE, Betsy Baker

## CALENDÁRIO GEOCORRENTE

### DEZEMBRO

- 10-11** Reunião do Conselho Europeu, em Bruxelas
- 27** Eleições presidenciais na República Centro-Africana
- 27** Eleições gerais no Níger
- 31** Fim do período de transição do BREXIT

### JANEIRO

- 01** Início da presidência portuguesa no Conselho da União Europeia
- 10** Eleições presidenciais no Quirguistão
- 10** Eleições parlamentares no Cazáquistão
- 14** Eleições gerais na Uganda
- 20** Posse do novo presidente dos Estados Unidos
- 24** Eleições presidenciais em Portugal
- 26-28** European Gas Virtual (Conferência Online, Áustria)



## REFERÊNCIAS

- **Chile e o mar: postura global e expectativa regional**  
[Chile se suma a llamado mundial para el compromiso de un océano 100% sostenible](#). La Tercera, 02 dez. 2020. Acesso em: 04 dez. 2020.  
[Armada continúa el monitoreo de flota pesquera extranjera](#). Armada de Chile, 04 dez. 2020. Acesso em: 04 dez. 2020.
  - **Acordo marítimo e a histórica relação entre Cuba e Turquia**  
SENGUL, SEFA. Turkey, [Cuba sign maritime cooperation agreement](#). Anadolu Agency, 13 nov. 2020. Acesso em: 20 nov. 2020.  
TURKISH STATISTICAL INSTITUTE. [Foreign Trade](#). 2020. Acesso em: 20 nov. 2020.
  - **O recrudescimento extremista na África Ocidental e a resposta dos atores externos**  
NYABIAGE, Jevans. [China likely to take bigger role in peacekeeping missions in West Africa](#). South China Morning Post, 22 nov. 2020. Acesso em: 04 dez. 2020.  
GRAMER, Robbie. U.S. [Congress Moves to Restrain Pentagon Over Africa Drawdown Plans](#). Foreign Policy, 04 mar. 2020. Acesso em: 04 dez. 2020.
  - **A geopolítica da infraestrutura e comunicações no Oeste africano**  
BALDOCK, Harry. Djoliba: [Orange launches fibre backbone for West Africa](#). Total Telecom, 12 nov. 2020. Acesso em: 01 dez. 2020.  
AHMAD, Najam; Salvadori, Kevin. [Building a transformative subsea cable to better connect Africa](#). Facebook Engineering, 13 maio 2020. Acesso em: 01 dez. 2020.
  - **Territórios ultramarinos britânicos e a proteção dos oceanos**  
KAWCZYNSKI, Daniel. [Blue Belt Kingdom](#). Country Squire Magazine, 22 out. 2020. Acesso em: 05 dez. 2020.  
MCVEIGH, Karen. [Tiny Atlantic island takes giant leap towards protecting world's oceans](#). The Guardian, 13 nov. 2020. Acesso em: 05 dez. 2020.
  - **Perspectivas da Defesa alemã frente ao próximo governo estadunidense**  
DEPETRIS, Daniel. [More autonomous allies are better allies](#). Defense News, 26 nov. 2020. Acesso em: 04 dez. 2020.  
STOREY, I. [Can the UK Achieve Its Naval Ambitions in the Indo-Pacific?](#) The Diplomat, 07 nov. 2020. Acesso em: 20 nov. 2020.
  - **As constantes tensões no Golfo Pérsico**  
ZIABARI, K. [Is China Iran's last resort for survival?](#). Asia Times, 03 nov. 2020. Acesso em: 18 nov. 2020.  
[Israeli leader confirms consents to US arms sales to UAE](#). AP News, 24 out. 2020. Acesso em: 18 nov. 2020.
  - **O encerramento das atividades da Marinha do Brasil na UNIFIL**  
ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. [Brasileiros das forças de paz concluem missão no Líbano após uma década de participação](#). Centro de Imprensa, 02 dez. 2020. Acesso em: 02 dez. 2020.  
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. [Força Interina das Nações Unidas no Líbano \(UNIFIL\) completa 40 anos de criação](#). Marinha do Brasil, 03 abr. 2018. Acesso em: 01 dez. 2020.
  - **Os impactos geopolíticos dos novos submarinos taiwaneses**  
ASPINWALL, N. [Taiwan Starts Production of First Domestically Made Submarines](#). The Diplomat, 28 nov. 2020. Acesso em: 04 dez. 2020.  
HALE, E. [Taiwan begins building first domestically produced submarines](#). Al Jazeera, 24 nov. 2020. Acesso em: 04 dez. 2020.
  - **O dilema de submarinos nucleares da Coreia do Sul**  
YU, Jihoon; FRENCH, Eric. [Should the United States support a Republic of Korea nuclear submarine program?](#). Naval War College Review, 2020. Acesso em: 08 dez. 2020.  
KIM, Seok Woo et al. [South Korea's risky quest to build nuclear-powered attack submarines](#). Bulletin of the Atomic Scientists, 18 nov. 2020. Acesso em: 05 dez. 2020.
  - **Ausência dos EUA no Sudeste da Ásia será desafio para a gestão Biden**  
ONISHI, Tomoya; HADANO, Tsukasa. [China tightens ASEAN grip while US looks inward](#). Nikkei Asia, 14 nov. 2020. Acesso em: 02 dez. 2020.  
STRANGIO, Sebastian. [At Annual Summit, Us Stumbles on Engagement With Southeast Asia – Again](#). The Diplomat, 16 nov. 2020. Acesso em: 02 dez. 2020.
  - **Os testes de mísseis BrahMos e a importância da Baía de Bengala**  
MOHAN, Raja C. [The Bay of Bengal in the Emerging Indo-Pacific](#). Observer Research Foundation, out. 2020. Acesso em: 01 dez. 2020.  
[Naval version of Brahmos test fired from Navy's INS Ranvijay in Bay of Bengal](#). The Indian Express, 01 dez. 2020. Acesso em: 01 dez. 2020.
  - **Gigantes de aço na Antártica: a corrida dos navios quebra-gelos em direção ao continente austral**  
[A new polar research ship for Britain](#). British Antarctic Survey, [s.d]. Acesso em: 5 de dezembro de 2020.  
NÚÑES, Jorge. [Así se va a abrir camino el rompehielos Antártica 1. El Día](#). Las Últimas Noticias. Publicado em 10 de novembro de 2020.
  - **O poder marítimo do futuro: embarcações não-tripuladas e a logística e estratégia marítimas**  
ANGUS, Julie; BRASSEUR, Michael. [Creating a Global Accelerator Network to Launch the Digital Ocean](#). CIMSEC, 03 nov. 2020. Acesso em: 18 nov. 2020.  
SHELBOURNE, Mallory. [DARPA Aiming to Increase USV Range with Sea Trains Program](#). USNI News, 02 nov. 2020. Acesso em: 18 nov. 2020.
- CAPA:**  
[FTM-UNIFIL: FRAGATA INDEPENDÊNCIA \(F 44\) RETORNA A ÁREA DE OPERAÇÕES](#).  
POR: DEFESA AÉREA & NAVAL

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em cinza representam conflitos que monitoramos, caso

tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e mortos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os países com maior número de infectados, e os países com maior número de infectados na África e na Oceania de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho, laranja e amarelo de acordo com o número de casos totais.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

### ► ALTO RISCO:

- IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: [Saudi-led coalition says destroyed explosive drone from Yemen Houthis](#). Reuters, 07 dez. 2020. Acesso em: 08 dez. 2020.
- LÍBANO — Crise estrutural: [Mob seizes UN peacekeeper equipment in south Lebanon](#). Arab News, 05 dez. 2020. Acesso em: 08 dez. 2020.
- VENEZUELA — Crise estrutural: [Estados Unidos condena por “fraudulentas” las elecciones parlamentarias en Venezuela](#). El País, 07 dez. 2020. Acesso em: 08 dez. 2020.
- ETIÓPIA — Crise política: [Ethiopia scorns guerrilla war fears, U.N. team shot at in Tigray](#). Reuters, 07 dez. 2020. Acesso em: 24 nov. 2020.
- BELARUS — Crise política e tensões com o bloco europeu: [Belarus’s Optimistic Protesters and Putin’s intention](#). Carnegie Europe, 03 dez. 2020. Acesso em: 08 dez. 2020.
- MOÇAMBIQUE — Conflito entre governo e forças insurgentes: [Mozambique, Tanzania agree to jointly fight extremist group](#). Africa News, 03 dez. 2020. Acesso em: 08 dez. 2020.

### ► MÉDIO RISCO:

- LÍBIA — Escalada da guerra civil: [Haftar's forces intercept Turkish ship in Libya waters: Spokesman](#). Middle East Eye, 07 dez. 2020. Acesso em: 08 dez. 2020.
- MEDITERRÂNEO ORIENTAL — Aumento das tensões entre Grécia e Turquia: [A showdown in Brussels](#). Euractiv, 02 dez. 2020. Acesso em: 08 dez. 2020.
- MAR DO SUL E DO LESTE DA CHINA, HONG KONG & TAIWAN — Avanço chinês sobre as regiões: [South China Sea: how a Spratlys radar system could give the PLA an information edge](#). South China Morning Post, 05 dez. 2020. Acesso em: 08 dez. 2020.

• SÍRIA — Tensões na região de Idlib: [Iranian commander killed in airstrike on Iraq-Syria border](#). Al-Monitor, 30 nov. 2020. Acesso em: 08 dez. 2020.

• FRONTEIRA SINO-INDIANA — Impasse na ALC: [Winter forces Chinese to rotate troops on the front line daily, Indians staying longer](#). The Times of India, 01 dez. 2020. Acesso em: 08 dez. 2020.

• FRONTEIRA ENTRE ARMÊNIA E AZERBAIJÃO — Conflito na região de Nagorno-Karabakh: [Azerbaijan fully reclaims lands around Nagorno-Karabakh](#). Al Jazeera. 01 dez. 2020. Acesso em: 08 dez. 2020.

• GOLFO DA GUINÉ — Insegurança marítima conjuntural: [Gulf of Guinea attacks continue](#). Defenceweb, 07 dez. 2020. Acesso em: 07 dez. 2020.

► EM MONITORAMENTO:

• UCRÂNIA — Tensões transfronteiriças Rússia-Ucrânia: [Ukraine may demand that SWIFT be switched off for Russia – chief negotiator on Donbas](#). UNIAN, 06 dez. 2020. Acesso em: 08 dez. 2020.

• PERU — Crise política: [Peru mine workers block highway as labour protests spread](#). Al Jazeera, 04 dez. 2020. Acesso em: 08 dez. 2020.

• CHILE — Crise política e social: [Allamand y Carabineros en estallido social: hubo "violaciones a los derechos de las personas"](#). 24 Horas, 05 dez. 2020. Acesso em: 08 dez. 2020.

• TAILÂNDIA — Escalada de tensões em manifestações contra o governo: [Thailand latest: Protesters rally as PM remain in office](#). Nikkei Asia, 02 dez. 2020. Acesso em: 08 dez. 2020.

• QUIRGUISTÃO — Crise política: [Goalposts for Kyrgyzstan's Constitutional Referendum Shifting](#). The Diplomat, 01 dez. 2020. Acesso em: 08 dez. 2020.

• RELAÇÃO AUSTRÁLIA E CHINA — Crise diplomática e sanções econômicas: [Chinese Australians feel heat from worsening diplomatic friction](#). Nikkei Asia, 07 dez. 2020. Acesso em: 08 dez. 2020.